

CONCEITUANDO A PIADA COMO GÊNERO DO DISCURSO

Elyssa Soares Marinho (UFRJ)
lyssasmarinho@hotmail.com

“Uma **piada** ou **anedota** é uma breve história, de final engraçado e às vezes surpreendente, cujo objetivo é provocar risos ou gargalhadas em quem a ouve ou lê. É um recurso humorístico utilizado na comédia e também na vida cotidiana.”

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Piada>

Introdução

Os estudos sobre textos humorísticos apresentam-se em um exponencial aumento em diversas áreas do conhecimento (POSSENTI, 2013). As piadas são um “tipo” de texto humorístico muito explorado em estudos que abordam temas relacionados às questões sociais, políticas e históricas. Na Linguística, trata-se de um material rico que pode fornecer evidências para o estudo da linguagem em contexto e em diferentes esferas teóricas. Assim, neste trabalho, busca-se apreender certas regularidades da piada, com o objetivo de caracterizá-las como um gênero discursivo, a partir das definições e conceituações de Swales (1990), Bronckart (1990) e Bahktin (2003), Marcuschi (2008) sobre gênero.

Para tanto, será apresentado um pequeno panorama sobre os estudos pertinentes acerca das piadas e do discurso do humor e do riso sob o ponto de vista de diferentes estudiosos. Em seguida, juntamente com a concepção teórica de gênero do discurso e sequências textuais, serão apresentados os elementos constituintes da piada, relacionando-os com as conceituações de gênero discursivo. Para a análise, foram selecionadas, majoritariamente, piadas com a temática de futebol e Copa do Mundo. Por último, algumas considerações finais sobre a análise da piada como um gênero discursivo serão expostas, uma vez que se trata de um esboço inicial sobre a conceituação desse gênero humorístico.

1. Um breve panorama sobre os estudos do humor e piadas.

As piadas são um material linguístico que, para serem compreendidas e levarem o ouvinte ao riso, precisam ser apreendidas a partir de um significado específico: aquele que o falante intenciona; caso ocorra o contrário, não haverá comicidade.

Vários estudiosos, como Freud (1969), Bergson (1980) e Possenti (1998, 2013), já exemplificaram que o material linguístico da piada é justamente o caráter polissêmico das palavras, seus usos ambíguos que evidenciam o duplo-sentido e o trocadilho em todo enunciado de humor. Essas expressões linguísticas podem acessar múltiplos referentes através de conexões estruturais que apresentam papéis sociais e valores culturais.

Apesar do humor já ter sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, na Linguística, percebe-se uma escassez de estudos sobre o fenômeno do

humor que considerem tanto aspectos cognitivos quanto aspectos formais. De maneira geral, os estudos do discurso humorístico estão presentes na investigação de diferentes gêneros textuais como as tiras, os quadrinhos, as charadas e as piadas; e, também, nos estudos linguístico-discursivos dos elementos formais que desencadeiam o riso. Por exemplo, tem-se o trabalho de Possenti (1998) que faz uma análise linguística das piadas, com ênfase nos aspectos formais. Há os estudos de Raskin (1985) que propõe uma teoria semântica do humor verbal. E, também, Freud (1969) que atribuiu tudo que é risível a um mecanismo de defesa no qual o ser humano expressa seus problemas e infortúnios ligados ao inconsciente.

Poucos são os trabalhos com enfoque cognitivista, como o de Lima (2003) que, em sua dissertação de mestrado, apresenta um estudo do fenômeno do humor a partir da ocorrência de (re) categorizações metafóricas em piadas, mostrando que estas (re) categorizações podem ser consideradas como mais um dispositivo de que dispõe a língua para construção do efeito cômico.

Outro trabalho com destaque é o de Coulson (2001) que em um estudo mais amplo sobre a atuação de processos de mudança de frame (*frame-shifting*) e mesclagem conceptual na construção do significado, inclui a análise de piadas. A autora ressalta que as piadas são construídas para violar as expectativas do ouvinte, explorando inferências decorrentes do conhecimento de cenários típicos, e em seguida, promovendo a alteração dessas inferências iniciais devido à mudança de frame. Além disso, as piadas podem ativar a alteração de frames associados a processos de mesclagem conceptual, evidenciando grande flexibilidade no processo de interpretação.

O princípio central da abordagem desenvolvida em sua pesquisa é que a construção do significado não é uma simples manipulação das representações pré-existentes na memória, mas um processo ativo no qual falantes integram continuamente aspectos perceptuais e conceptuais com as informações disponíveis na memória de longo prazo. Assim, suas análises mostram que na dinâmica da construção dos sentidos, podemos promover mudanças de frames que revelam a natureza das informações recrutadas em nosso conhecimento prévio. Mudança de frames é caracterizada como um tipo de revisão conceptual. É uma operação de reanálise semântica no processo de reorganização de uma informação já existente, em um novo frame. (Coulson, 2001)

Ao analisar as piadas, a autora demonstra diferentes processos de construção de significado que a piada demanda, evidenciando que a mudança de frame está presente em todos os casos que apresenta, sendo eles as situações típicas, valores pré-definidos, reinterpretção, pressuposição e significados não convencionais.

Uma das piadas analisadas em seu trabalho requer que o ouvinte faça uma busca nas informações contidas em sua memória para reinterpretar o que ouviu inicialmente: “Quando pedi ao atendente do bar algo gelado e cheio de rum, ele recomendou sua esposa” (When I asked the bartender for something cold and full of rum, He recommended his wife) (p.57). A autora explica que a informação dada na frase “algo gelado e cheio de rum” é reinterpretada quando o ouvinte se depara com a segunda parte da piada “ele recomendou sua esposa”. Primeiramente, o ouvinte cria um cenário típico de um bar no qual “algo gelado e cheio de rum” preenche as características de uma bebida encontrada em bares. Porém, na segunda frase da piada, o objeto recomendado é a esposa do atendente. Assim, é necessária a criação de um novo cenário evidenciado pela correspondência entre o termo “gelado” e a resultante interpretação de “frígida”. A co-referência entre “gelado” e “cheio de rum” com “sua esposa” requer uma revisão da suposição de que o objeto recomendado não será preenchido pela bebida. Além disso, como as características “gelado” e “cheio de rum”

são favoravelmente aplicáveis à bebida, a fala do atendente pode ser reinterpretada como um insulto.

Portanto, a mudança de frame parece ser motivada por uma violação das restrições de preenchimento das lacunas em um determinado frame. Ao invés de falhar na interpretação desse tipo de exemplo, os interlocutores resolvem esses casos criando novos frames no qual essas lacunas podem ser preenchidas. A piada exposta acima é um exemplo de reanálise semântica num âmbito mais geral, demandada pelo fato de que o significado do enunciado não é computado a partir das representações linguísticas, mas motivado por eles.

Para entender o humor, muitos teóricos e filósofos da linguagem de diferentes épocas buscaram respostas para perguntas do tipo “o que faz o ser humano rir?” ou “o que pode ser considerado cômico?”. Percebe-se que o cômico e o riso são de caráter humano e estão presentes nas manifestações mais diversas do indivíduo. Bergson (1980) investiga as causas do riso pelo cômico e afirma que a primeira pré-condição para o riso é o caráter humano, pois nenhum outro animal ri. Portanto, para compreender o riso, deve-se colocá-lo no ambiente social. Outra pré-condição é a insensibilidade, pois se ocorre algum tipo de identificação com o objeto cômico, não há riso, portanto, a empatia destrói o cômico e a indiferença solidifica o riso. O autor afirma que “o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à inteligência pura.”(p. 13).

Assim, tem-se na piada, o reflexo de diversas manifestações culturais e ideológicas de cada comunidade de fala. Por ser um gênero textual presente nas mais variadas culturas e esferas comunicativas, lhe é conferido certo caráter universal. Além disso, trata-se de um material autêntico de uso corrente em uma determinada comunidade de fala, que revela questões controversas inerentes ao ser humano, como preconceito, racismo e indiferença.

2. Gênero do discurso e piadas: conceitos e definições

Na busca de uma conceituação da piada, como um gênero do discurso recorrente em uma determinada comunidade de fala, torna-se necessário apresentar algumas concepções de gênero discursivo. Diante de diferentes fontes teóricas sobre gêneros, Marcuschi (2008) já havia sinalizado que os gêneros textuais configuram uma área multidisciplinar de estudos, que engloba a análise dos textos e da estrutura discursiva, além de uma descrição da linguagem tentando responder questões de âmbito social, histórico e cultural do uso da língua. O autor lembra que foi na Antiguidade que se iniciou uma observação sistemática do que hoje, chamamos de Gênero. Swales (1990, p.33) afirma que, atualmente, “os gêneros são facilmente usados para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Swales (1990) também define os conceitos de comunidade de fala e comunidade discursiva. Ele assume que uma comunidade de fala refere-se a um grupo de pessoas que possuem um conhecimento de mundo e de regras linguísticas compartilhadas, além de um conjunto de atitudes sociais perante a língua (LABOV, 1972, p.248 *apud* SWALES, 1990).

O que concerne à piada, se observa que comunidades de fala, de maneira geral, compartilham de assuntos e temas chistosos e utilizam esses textos com o objetivo primário de levar o interlocutor ao riso, além de revelar questões controversas inerentes ao ser humano, como preconceito, racismo e indiferença, o que reflete concepções socioculturais de cada comunidade.

Ao trabalhar em uma definição de gêneros com o objetivo de colaborar com as pesquisas de ensino de línguas, Swales (1990, p. 58) estabelece o seguinte:

A genre comprises a class of communicative events, the members of which share same set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style (...) In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community.

Partindo para uma definição mais sistemática do gênero piadas, com base no que Swales (1990) propõe, em primeiro lugar, tem-se a constatação de que piadas constituem um evento comunicativo. Considera-se a situação em que um grupo de amigos se reúne em um bar para conversarem informalmente. Em certo momento da reunião, um dos amigos conta uma piada que remete a algum tópico em discussão na conversa. Assim, percebe-se que o ato de contar piadas integra as características discursivas e sociais de um encontro entre amigos, uma vez que em um evento comunicativo, a língua desempenha um papel indispensável e reflete não apenas o discurso e seus participantes, mas também a função discursiva e social do contexto de sua produção e recepção.

É importante apontar que a conversa informal é considerada um gênero primário, segundo Bakhtin (2003). O autor aponta que os gêneros primários simples são assim caracterizados por constituírem uma situação comunicativa imediata no âmbito ideológico do cotidiano como as conversas orais em geral, carta, bilhete, relato cotidiano, etc. Em contraponto aos gêneros primários, há os gêneros secundários que surgem em situações comunicativas mais complexas culturalmente, como o romance, o editorial, tese, palestra, etc. As piadas podem ser de caráter oral ou escrito, sendo assim, podem surgir em eventos comunicativos simplórios, como em uma conversa entre amigos, e em gênero mais complexos, como em um romance, em um livro didático, em uma palestra, entre outros.

Um outro ponto a ser ressaltado é que para que um evento comunicativo seja considerado gênero, deve-se considerar seus propósitos. A piada, genericamente, é proferida para levar o interlocutor ao riso. Os motivos subjacentes a este objetivo simplório, vão além da comicidade e variam conforme a complexidade e categorização temática dos textos chistosos. Como os gêneros são veículos usados para se atingir certos objetivos, considera-se esta uma característica menos evidente e demonstrável que requer uma análise específica de cada evento comunicativo. Por exemplo, uma piada que contenha uma temática de traição entre casais e que seja contada no mesmo encontro de amigos acima citado, pode ser uma referência irônica e de deboche a situação conjugal de um dos interlocutores.

O próprio Swales (1990) reconhece que não é algo incomum encontrar gêneros que tenham conjuntos de propósitos comunicativos (*set of communicative purpose*) dado a dificuldade de estabelecer um único propósito em diversos gêneros.

Um terceiro ponto é a prototipicidade de um gênero que abarcam duas abordagens; a de definição e a de semelhança. É possível identificar um pequeno conjunto de propriedades que são individualmente necessárias e cumulativamente suficientes para identificar todos os membros e somente os membros de uma categoria

particular de tudo que há no mundo (Swales, 1990). A teoria de semelhança propõe instâncias de categorias que se assemelham formando elos em uma cadeia. (ROSCH, 1973 *apud* SWALES, 1990). Swales (id.), então, associa ambas as abordagens na busca pela identificação de um exemplar prototípico de um gênero. Considerando as piadas, algumas propriedades do tipo expectativa da audiência (o riso, ato cômico), estrutura (uma narração que pode ser curta ou longa) e forma (linguagem coloquial) auxiliam na identificação prototípica do gênero piada.

E por último, o estabelecimento de restrições às contribuições permitidas em termos de conteúdo, posição e forma. Membros de uma comunidade discursiva empregam um gênero em prol a um objetivo e, além disso, a razão subjacente determina a estrutura esquemática do discurso e restringe escolhas sintáticas e lexicais. Assim, se consideramos, por exemplo, piadas com temáticas adultas que falem de sexo, traição, genitália, etc, percebemos que apesar do registro e o propósito serem os mesmos de uma charada com temática mais leve, as escolhas lexicais e sintáticas serão diferentes. Portanto, a razão subjacente do interlocutor ajuda na produção e recepção da piada.

A reflexão até aqui elaborada, buscou identificar propriedades que caracterizam a piada como gênero discursivo, a partir da definição dada por Swales(1990). Entretanto, a noção de gênero pode ser defendida a partir do ponto de vista de diferentes perspectivas. Marcuschi (2008, p.154) retoma esta noção a partir da premissa de que toda manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero: “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

O autor complementa, citando Bronckart (1999) que salienta que em certos contextos, o gênero é uma forma de legitimação discursiva situada em uma relação sócio-histórica com motivação sustentada que ultrapassa as motivações pessoais e individuais. De maneira sistemática, Marcuschi (2008) define termos como tipo textual, gênero textual e domínio discursivo.

O tipo textual é definido pela natureza linguística de sua composição como aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo. Bronckart (1990), com base nos estudos de Adam (1992) analisou a infra-estrutura geral dos textos a partir da organização sequencial ou linear do conteúdo temático. Adam restringiu seus estudos a cinco sequencias básicas: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

Marcuschi (2008) observa que, de modo geral, as piadas são narrativas e descritivas, podendo apresentar um caráter mais expositivo, como é o caso de charadas curtas.

A teoria dos protótipos (ROSCH, 1978), mais uma vez aparece para elucidar as diversas sequências tipológicas em que uma piada pode apresentar. Para Rosch (1978) deve-se repensar a abordagem clássica sobre as categorizações, pois não se trata de pensarmos em um conjunto de pertencente ou não, mas sim, reconhecer, através de um protótipo, o núcleo dentro do grupo. Os demais elementos estariam mais à margem e seriam menos recorrentes quando pensamos em determinada categoria.

Assim, sequência narrativa pode ser considerada o tipo textual nuclear do gênero piada, por tratar-se de histórias contadas que apresentam personagens implicados em um determinado acontecimento, direcionados a um desfecho cômico, como a piada a seguir:

(1) Em uma final da copa do mundo, num jogo Brasil e Portugal, 0 X 0 aos 47 minutos do 2º tempo...

Falta, na grande área, a favor do Brasil. O Jogador se prepara para cobrar a falta e no meio da tensão e do empurra-empurra, os jogadores portugueses formam a barreira, porém todos ficam virados de costas para o jogador que vai cobrar a falta.

O goleiro português completamente desesperado grita:

- Estão todos ao contrario, ora pois, de frente pra lá, de frente pra lá!!!!

Nisso um jogador português responde:

- Ora pois, tu achas que vamos perder um goloço desses!!!!

(2) Deus e o Diabo acertam os últimos detalhes para a grande final do Campeonato Universal de Futebol.

Deus não esconde o jogo, como se diz por aí.

Ao final da reunião, ele diz ao Diabo:

- Olha, não posso enganar você. Você não tem a menor chance.

Todos os melhores jogadores estão no meu time.

- É - diz o Diabo.

- E onde você pensa que estão os juízes?

É possível recuperar em (1) e (2), a estrutura da narrativa que, segundo Labov (1972), apresenta o resumo, a orientação, a complicação da ação, a avaliação e a conclusão da narrativa.

Entretanto, há piadas que apresentam outras sequências textuais, afastando-se do tipo nuclear da sequência narrativa, como em (3), com uma estrutura descritiva e (4), com uma estrutura expositiva:

(3) Vazou a convocação da Rússia para a copa do mundo:

1 - Smirnoff

2 - Orloff

3 - Kovak

4 - Belvedere

5 - Grey Goose

6 - Absolut

7 - Komaroff

8 - Komaroff

9 - Eristoff

10 - Natasha

11 - Caninha da roça (naturalizado)

(4) Sabe qual a diferença entre o Corinthians e o salário mínimo?

-A diferença é que o salário mínimo você ganha, ganha, ganha e não compra nada. Já o Corinthians compra, compra, compra e não ganha nada.

Retomando a conceituação de gêneros por Marcuschi (2008), o autor afirma que gêneros discursivos são o texto materializado em situações comunicativas recorrentes e lista a piada com seus formatos variados como exemplo de gênero.

O domínio discursivo constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais. Leva-se em consideração o que Bakhtin (2003) apontou como esferas da atividade humana, que são domínios entendidos como

instâncias discursivas dos tipos discurso jurídico, religioso, etc. A piada pode ser, então, alocada na esfera do discurso do humor, ou mesmo no discurso cotidiano.

Conclusão

Este trabalho buscou identificar, brevemente, algumas das propriedades que caracterizam as piadas como um gênero discursivo. Alguns estudos já realizados acerca do texto humorístico em geral foram apresentados, incluindo o gênero piadas, muito utilizado como fonte de estudos de diferentes áreas da linguística.

Os conceitos de gênero do discurso foram abordados a partir dos estudos de Swales (1990), Marcuschi (2008), Bakhtin (2003) e Bronckart (1990) e, juntamente com as concepções teóricas, os aspectos que constituem o gênero piadas foram analisados.

Deve-se ressaltar que, considerando-se a noção de gênero discursivo, há diferentes estudos e perspectivas que tratam o tema. Este trabalho mostrou uma parcela pequena das possíveis definições de gênero. Por conseguinte, há muito que explorar na busca por uma conceituação completa das piadas. É preciso aprofundar e detalhar a estrutura constituinte deste gênero, sua prototipicidade e suas sequências textuais, abordando sua esfera social e cultural.

Portanto, pretendeu-se mostrar uma parcela pequena das possíveis definições de gênero, para, futuramente, compor um estudo mais aprofundado sobre a construção do significado em piadas.

Referências bibliográficas

ADAM, J-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris, Nathan, 1992.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso In: *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003

BERGSON, H. *O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Zahar Editores, 1980.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo, Educ, 1999.

COULSON, S. *Semantic Leaps: Frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. New York: Cambridge University Press, 2001

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969

LABOV, W.. *The transformation of experience in narrative syntax*. In W. Labov (Ed.), *Language in the inner city: Studies in Black English vernacular* (pp. 354-396). Philadelphia: University of Washington Press, 1972.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola, 2008

SWALES, J.M. *Genre analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998

POSSENTI, S. *Humor, Língua e Discurso*. São Paulo, Contexto, 2013.

ROSCH, Eleanor & LLOYD, Barbara B. (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey : Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

<<http://www.piadas.com.br/piadas/piadas-curtas/piada-da-convocacao-da-russia-para-copa-do-mundo>> acessado em 07/06.